

Magia branca e negra

BRUNO AMORIM E BERNARDO VIANNA

Branca ou negra, muito já se fez em nome da magia. Na Idade Média, bruxas, consideradas hereges, queimaram em fogueiras. Em sociedades mais primitivas, entretanto, a magia era uma prática do dia a dia. A pintura dos homens das cavernas, por exemplo, era usada para melhorar magicamente a caçada. No Egito antigo, era necessário realizar rituais e, desta forma, receber a benção dos deuses para o sucesso do plantio. Na atualidade, práticas como trazer a pessoa amada em três dias, são cotidianas e até fonte de renda para algumas pessoas.

Segundo Aparecida Dias Soares, maga das Sete Chamas Sagradas, “precisamos voltar ao início de tudo, ou seja, à criação do Universo da forma como as filosofias e as religiões o conceberam”. A evolução de diferentes sistemas de magia, criados a partir da mística experimentada por cada grupo humano, fez com que as práticas mágicas se multiplicassem, passando a servir para, além de prover uma boa caça ou colheita e prever o futuro, curar, manipular emoções, comunicar-se com entidades sagradas ou demoníacas e, por fim, para elevar-se espiritualmente.

Desse último propósito surgiram religiões e a Alta Magia, ou Magia Branca, em contraste com as práticas voltadas para influenciar o cotidiano, chamadas de Baixa Magia. Outra distinção bem

antiga pôs de um lado a magia dedicada à cura, adivinhação e desenvolvimento pessoal, e do outro a magia que buscava manipular ou causar dano a outras pessoas.

Entretanto, a maga Aparecida Soares discorda destas distinções: “a magia em princípio quer representar um conhecimento que o homem ergueu para compreender e lidar com a natureza; como podemos classificá-la de boa ou de má? As forças antagônicas fazem parte de toda a natureza. A dualidade a compõe. Nós somos o resultado dessas forças antagônicas, ora vivendo em equilíbrio ora em desequilíbrio, vida e morte numa dança contínua a nos testar a capacidade de evoluir”.

O encontro entre culturas e seus diferentes sistemas mágicos pode trazer conflitos. Nestes momentos, toda prática mágica de um povo poderia ser vista simplesmente como magia negra para habitantes de outra civilização mais poderosa ou avançada. Para muitos estudiosos do esoterismo, todavia, a separação entre magia branca e negra é bem real e não deve ser subestimada. Foi essa a experiência de Karl Bunn, gnóstico da Escola Gnóstica Fundasaw (Fundação Samael Aun Weor). Para ele “com o tempo e a prática, os contornos que separam a magia branca da magia negra se tornam bem explícitos”.



Magia Branca

A Loja Branca e a Loja Negra

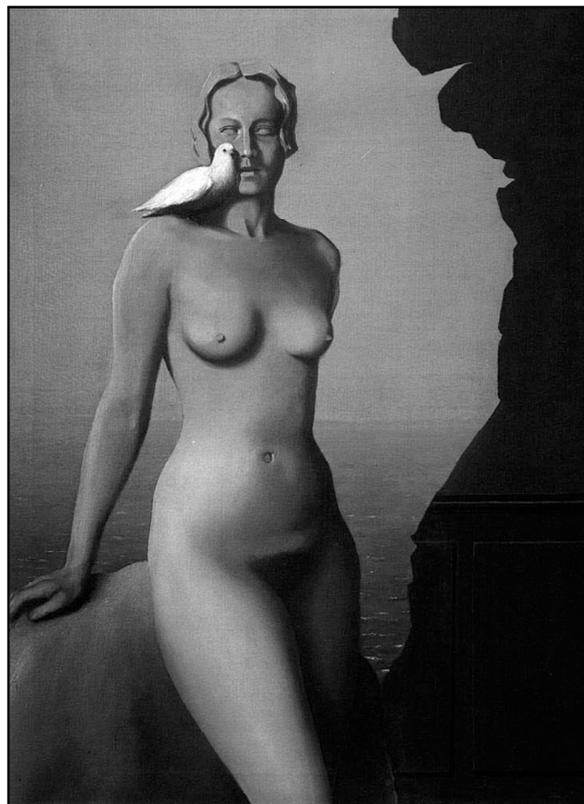
Segundo seus adeptos, a magia se organizou em duas lojas, capazes de se combater em todos os planos a partir de diferenças éticas e filosóficas. A Grande Fraternidade da Loja Branca, composta por todos os magos brancos, independentemente da cultura ou tradição mística, estaria em constante guerra mágica contra seus rivais da Loja Negra. Ambas as lojas teriam representantes em outros planos de existência, em dimensões diferentes de nossa realidade. Além dos magos, brancos e negros, existiriam mestres, anjos e demônios participando dessas lojas.

Assim, enquanto a Loja Branca trabalharia respeitando o livre-arbítrio, a fim de ajudar quem busca evolução espiritual, a Loja Negra trabalharia adorando o ego animalizado, legitimando o materialismo, além de abusar da magia sexual conhecida como tantrismo negro.

Mas, quando se trata de magia os seus danos podem ser bem extensivos. É o que acredita Karl Bunn: “O fato é que a autêntica magia se perdeu na ignorância e no mercantilismo do pseudo-esoterismo pop comercial de nossos tempos. Tudo que por aí existe e se ensina como magia nada mais é que superstição. A verdadeira magia tinha por meta transformar um animal racional em um humano iluminado”.

Solução para todos os males

A magia está viva à nossa volta. Mesmo não sendo um iniciado, praticamente qualquer pessoa realiza procedimentos mágicos, esteja consciente disso ou não. No gesto de cruzar os dedos, evitar passar por baixo de uma escada ou carregar um amuleto, o ser humano tenta controlar a sua sorte; ao fazer um pedido a uma fonte ou às estrelas, na busca da realização de algum desejo, ou ao colocar oferendas para receber a bênção de entidades incorpóreas, as pessoas estão fazendo o que, para elas, é imprescindível. A presença destas práticas na cultura popular mostra o quanto a magia é intrínseca à condição humana.



Magia Negra por René Magritte

Existem soluções mágicas para os mais variados problemas, e não é difícil encontrá-las. Nem precisa acessar a internet para aprender rituais e magias – muitas bancas de jornal possuem publicações sobre o assunto, e se nada disso funcionar, basta uma

Sistemas mágicos



Magia do Caos - Os praticantes da Magia do Caos consideram-se herdeiros mágicos de Aleister Crowley e de Austin Osman Spare. Ela procura englobar tudo quanto seja válido e prático em Magia, descartando tudo quanto for mais complexo que o necessário. É muito praticada por intelectuais da modernidade.

Magia Wicca - Um aprimoramento da feitiçaria tradicional, a Wicca é inclusive considerada uma religião. Entretanto, nela se aboliu a prática de sacrifícios animais, frequente na feitiçaria. Utilizam pentagramas, velas, caldeirões, varinhas mágicas e datas especiais.



Magia Xamânica - Floresceu pelo mundo todo, nas mais diversas maneiras, dando origem a diversos cultos e religiões. Sua origem remonta à Idade da Pedra, com inúmeras evidências em cavernas habitadas nessa era. O xamã é uma espécie de curandeiro, com poderes especiais nos planos sutis. O xamanismo caracteriza-se pela habilidade do xamã entrar em transe com grande facilidade, sempre que deseje.

Magia Thelêmica - Aleister Crowley criou este Sistema, um dos mais comentados e pouco conhecidos. As duas frases mágicas dos Thelemitas são: “Faze o que tu queres, pois é tudo da lei” e “Amor é a lei, amor sob vontade”. As músicas *A lei* e *Sociedade alternativa*, de autoria de Raul Seixas, definem bem a filosofia Thelemita.



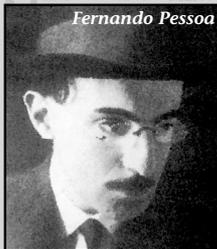
volta pela cidade para encontrar uma cigana ou outro tipo de vidente sempre disposto a ajudar. Os objetivos variam tanto quanto os fregueses: quem busca feitiços brancos prefere uma leitura da sorte, proteção ou a volta de um grande amor, mas também há quem procure dinheiro, vingança ou a destruição de um casamento. Não importa o objetivo, existe uma magia certa para ele.

As formas que as magias tomam variam, mas, em geral, não envolvem nada que a maioria das pessoas consideraria repulsivo, como, por exemplo, sacrificar animais ou praticar autoflagelação. Os

rituais mais comuns envolvem frases que devem ser repetidas em voz alta e, para precisar o efeito, devem ser direcionadas para o sol, a lua ou um simples espelho. Acender velas e amarrar fitas tem efeitos diversos, dependendo da cor escolhida. Rosas, brancas ou vermelhas, também são ingredientes poderosos. Até jogar pipoca no mar pode ajudar a espantar os perigosos maus fluídos. Enfim, nada de sapos, asas de morcego ou outros ingredientes desagradáveis que costumam fervilhar em caldeirões de bruxas com nariz longo e chapéu pontudo.



Encontro entre mago negro e mago branco



Fernando Pessoa

Se Fernando Pessoa dispensa apresentações, há, no entanto, um lado seu pouco conhecido do público em geral. Em carta a sua tia Anica, o poeta afirma: “Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos e em existências de diversos graus de espiritualidades”. Pessoa dizia-se um cristão gnóstico e, iniciado nas tradições místicas, estudou a fundo astrologia e pensou até em estabelecer-se em Lisboa como astrólogo. Em dezembro de 1929, Fernando Pessoa escreve para a Mandrake Press, editora de Aleister Crowley, o famoso mago negro inglês, apontando um erro em seu mapa astral. Crowley, por sua vez, ficou impressionado com os conhecimentos de Pessoa.

Aleister Crowley, que adotou os nomes mágicos Mestre Therion e A Grande Besta 666, foi uma figura controversa e envolta em mistério. Ocultista, escritor, alpinista e aventureiro, protagonizou inúmeros casos de escândalos sexuais, uso de drogas e chegou a ser expulso da França sob a acusação

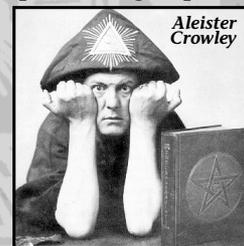
de ser um agente alemão. Reza a lenda que, em viagem ao Egito em 1902, após uma série de rituais e invocações, um ser que se identificou como Aiwass transmitiu ao mago o *Liber Al Vel Legis*, o *Livro da Lei*. Este livro, seu primeiro escrito de cunho místico, anunciava a chegada de uma nova Era regida pela Lei de Thelema, contida na frase “faze o que tu queres há de ser o todo da lei”, popularizada no Brasil pelas letras de Raul Seixas.

Das correspondências trocadas entre o poeta português e o mago inglês, tratando tanto de ocultismo quanto de literatura, Crowley resolve ir a Lisboa para encontrar-se com Pessoa: “Considerarei, realmente, a chegada da sua poesia uma verdadeira Mensagem, que gostaria de explicar pessoalmente”, ao final da carta assinou 666.

Crowley chega a Lisboa em setembro de 1930, acompanhado da maga alemã Hanni Larissa Jaeger. Durante os 15 dias que o casal passa em Portugal, o mago encontra-se duas vezes com Pessoa, uma das quais para combinar a encenação de seu suicídio na Boca do Inferno, em Cascais, o lugar que, segundo a tradição, nunca devolve os corpos de suas

vítimas. O papel de Pessoa neste teatro foi identificar como sendo de propriedade do mago alguns objetos encontrados pela polícia no local em que ele teria se suicidado. De fato, interessava a Crowley que se acreditasse em sua morte para que escapasse de devedores, maridos ofendidos e rivais dentro de ordens místicas européias.

Segundo Helena Barbas, da Universidade Nova de Lisboa, esta “rocambolesca” aventura compartilhada por Pessoa e Crowley tinha, em primeiro lugar, aspirações editoriais de ambas as partes. Em carta a um amigo, o poeta comenta: “O Crowley, que depois de suicidar-se passou a residir na Alemanha, escreveu-me há dias e perguntou-me pela tradução, ou antes, pela publicação da tradução.” Ele estava aí se referindo a *Hino a Pã*, poema de autoria de Aleister Crowley, traduzido por Fernando Pessoa para a língua portuguesa.



Aleister Crowley